

Experiências sobre a (in)visibilidade lésbica no ambiente universitário

Experiences on lesbian (in) visibility in the university environment

Camila Luiz Sant' Anna

Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Metodista IPA.

E-mail: milla.lasantanna@hotmail.com

Cristian Fabiano Guimarães

Psicólogo, Doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professor do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva – Mestrado em Saúde Coletiva Faculdades Meridionais – Imed.

Resumo

Neste trabalho, pretendo apresentar as questões do gênero feminino sobre as possibilidades existentes em se deixar ser visível ou não homoafetivamente no ambiente acadêmico. Para isso, há a necessidade de reflexão sobre o que a literatura nos fornece sobre (in)visibilidade, o que o contexto acadêmico visibiliza e quais as verdades fala sob a ótica de uma vivência descrita. Aprofundar este tema é importante para que mais conhecimento sobre ele seja produzido, em âmbito geral, onde o contexto acadêmico se insere como um período de muitas afirmações, descobertas e possibilidades interligando a saída de adolescência e o início de vida adulta, para uma grande parcela dos alunos. Para realizar este ensaio, me apoiei na experiência vivencial adquirida para compor uma articulação teórico-reflexiva com a pesquisa bibliográfica e de artigos jornalísticos buscados em sites e depoimentos em redes sociais.

Palavras-chave: Gênero. Identidade. Universidade

Abstract

In this paper, intend to present the feminine questions about the possibilities of being allowed to be visible or not homoaffectively in the academic environment. For this, there is a need to reflect on what literature gives us about (in) visibility, what the academic context visibilizes and what truths speak from the perspective of a described experience. To deepen this theme is important so that more knowledge about it is produced, in general, where the academic context is inserted as a period of many

affirmations, discoveries and possibilities connecting the end of adolescence and the beginning of adult life, for a large part from the students. In order to carry out this essay, I relied on lived experience acquired to compose a theoretical-

reflexive articulation with the bibliographical research and journalistic articles searched on social networking sites and testimonials.

Keywords: Gender. Identity. University

1. Introdução

A noção de diversidade no contexto universitário pressupõe a acolhida de diferentes ideias, credos, partidos. Neste espaço, que se pressupõe democrático, as diferentes formas de existência e experiências dos alunos ficam em evidência. Trata-se de um espaço de encontro com semelhantes, no qual, via de regra, as pessoas se sentiriam mais seguras em expor suas preferências, uma vez que há presença de outros indivíduos com características semelhantes, facilitando, por exemplo, a formação de grupos.

Falar sobre mulheres que sentem desejo por outras mulheres e dos desdobramentos que estas mulheres encontram ao pensar em ser ou não visíveis dentro do ambiente acadêmico é questionar as possibilidades pelas quais elas podem experimentar. Situações por onde elas estabelecem suas relações afetivas e emocionais e em seu entorno devido à dificuldade de aceitação que vivenciam no seu cotidiano.

Com este pensamento, questionava-me sobre a vivência dessas mulheres no ambiente acadêmico e se as reações de convivência de outros alunos com as mulheres homossexuais é o mesmo que aquele direcionado aos homens

gays. Problematizo que se as lésbicas não demonstrarem atitudes consideradas masculinizadas, estigmatizantes, não falar sobre sua própria sexualidade, tornando-se 'invisível' perante os colegas faz com que a aluna não seja alvo de preconceito e assim consiga atravessar o curso sem dificuldades ou sofrimento psicológico, por exemplo.

Estes questionamentos surgiram durante meu percurso de estágio extracurricular no início do curso de Psicologia, onde a convivência com colegas do mesmo curso, mas de outras instituições de ensino, juntamente com a troca de conhecimentos e visitas entre instituições possibilitaram a observação de grupos distintos onde encontrava, na maioria das vezes, somente homens declaradamente gays e dificilmente alguma garota que fosse assumidamente lésbica em mesmo número de condições que o primeiro grupo.

O ser invisível aqui é o não se revelar como lésbica, é o manter-se 'dentro armário' e não expor sua sexualidade, deixando assim de manter conversas de cunho mais íntimo com colegas, mesmo que tendo necessidades de troca de confidências, forçando-as assim, a

guardar angústias para si quando em permanência por longos períodos no local.

Já o ser visível é claramente o oposto. É adotar uma postura diretiva, 'fora de seu armário', muitas vezes demonstrando estigmas masculinos, lidando com outros atravessamentos e situações. Nas duas formas, as garotas passam por situações cotidianas de aprovação ou desaprovação.

Farei uma contextualização histórica e adentrarei nos aspectos da (in)visibilidade lésbica para poder demonstrar o panorama encontrado sobre o tema neste trabalho.

1.1 Contextualização Histórica

No Brasil, a produção acadêmica dedicada a lesbianidade, entre outros perfis femininos de expressão da sexualidade, foi por muito tempo aquém de ser relevante, passando a ter um crescimento em sua produção somente a partir dos anos 80.

De acordo com Oliveira¹⁵, entre os séculos XIX e XX, a homossexualidade passa a ser considerada doença mental, expressa através de discursos sob a influência de médicos, criminologistas e antropólogos europeus. Intelectuais brasileiros publicaram teses de doutorado nas faculdades de Medicina e Direito e um dos maiores responsáveis pela Nova Escola Penal e do Direito Penal, o jurista José Viveiros de Castro, considerava a homossexualidade uma degeneração sexual e,

se por ventura um homossexual cometesse algum delito, o juiz deveria levar em consideração o estado degenerativo de sua sexualidade e o homossexual não deveria ser recolhido em um presídio onde haveria pouca chance de regeneração, mas em um hospício para loucos. E assim, a homossexualidade se desloca do discurso do pecado ou crime e passa a ser concebida como doença.

A partir da metade do século XX, o movimento feminista possibilitou a desconstrução de um pensamento hegemônico masculino a partir de reivindicações que defendiam a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

As feministas acreditavam que os direitos sociais e políticos deveriam ser estendidos também a elas, enquanto cidadãs. Dessa forma, as mulheres passaram a ter maior controle sobre sua vida sexual, mas, ainda assim, o foco lésbico não atingiu o mesmo panorama desta visibilidade. De acordo com Peres¹⁶ sobre esta subjetivação normatizadora do pensamento hegemônico masculino:

Os regimes de verdade que determinam os modos como as pessoas devem viver, relacionar, amar, falar, estabelecendo os padrões normativos que em uma perspectiva fabril e serializada as pessoas serão moldadas e constituídas como exército de reprodução e manutenção das ordens dadas pelas vias do biopoder.^{16:154}

Na percepção da autora deste artigo, tendem a ser reproduzidas em diferentes contextos, inclusive no universo acadêmico, que pode ser entendido como um recorte da sociedade e que

reflete a realidade, sendo analisado nesse estudo como micro espaço que reflete aquilo que acontece fora dos muros da academia. Trabalho com a hipótese que práticas de preconceito e discriminação no contexto da universidade podem ser causadoras de sofrimento psíquico, especialmente quando tomamos como objeto de análise o caso das mulheres afetivamente homo-orientadas, dado as questões de gênero que historicamente atravessam o papel da mulher na sociedade atual, que funciona como agravante de vulnerabilidades.

Conforme Santos e Bernardes ^{22:291} “Se este amor intenso por uma outra pessoa do mesmo sexo é inaceitável para a nossa sociedade, ele se transforma em segredo que vitimiza, tiraniza, recrimina e auto anula o sujeito em prol de uma conformidade social.”

A este problema, que passa a ser um dos objetivos do presente trabalho, Butler⁴ questiona:

Qual a melhor maneira de problematizar as categorias de gênero que sustentam a hierarquia dos gêneros e a heterossexualidade compulsória? Considere o fardo dos “problemas de mulher”, essa configuração histórica de uma indisposição feminina sem nome, que mal disfarça a noção de que ser mulher é uma indisposição natural.^{4:8}

A necessidade de se falar sobre o tema da sexualidade homoafetiva de mulheres no espaço universitário é de grande importância para não reproduzir, portanto as violências e reforçar a vulnerabilidade deste grupo social, contribuindo para que as vozes de quem vive esta situação seja conhecida e escutada. Não se

trata de problematizar esse tema para prescrever formas adequadas de se relacionar com estas pessoas no contexto universitário, mas fazer aparecer os problemas que ajudam a pensar o assunto no campo da Psicologia.

O preconceito no ambiente acadêmico com as mulheres homossexuais é o mesmo preconceito direcionado aos gays? Não demonstrar atitudes consideradas masculinizadas ou não poder falar sobre sua própria sexualidade, tornando-se 'invisível' perante os colegas faz com que a aluna não seja alvo de preconceito e assim consiga atravessar o curso sem dificuldades ou sofrimento psicológico?

Na ânsia de desmistificar o problema da lesbofobia na academia, o problema de pesquisa consiste em dar visibilidade ao grupo lésbico no contexto acadêmico desta sociedade patriarcal e heterossexual onde o panorama LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) é mais direcionado ao homem gay por resquícios de nossa cultura misógina. Esta mesma cultura no meio acadêmico pode gerar reações sociais lesbofóbicas, termo utilizado mais contemporaneamente, e assim, causar sofrimento e a invisibilidade destas mulheres.

É importante aqui fazer uma elucidação sobre os termos apresentados que utilizo de acordo com a importância para minha pesquisa e seus conceitos podem ser entendidos a partir de Carvalho, Calderaro e Souza⁵ que dão noção as expressões 'visibilidade ao grupo lésbico' e

'sociedade patriarcal' onde as relações sociais que fogem dos modelos concebidos historicamente acabam sendo marginalizados:

O silêncio histórico em que se pautou a experiência feminina da homossexualidade foi sustentada por uma política do esquecimento, ou seja, o modelo patriarcal que promoveu a visibilidade e ascensão do masculino, além de renegar o importante papel do feminino neste registro, também obscureceu a experiência afetivo-sexual que dispensava a presença masculina.^{5:115}

Já segundo Ferreira⁹, 'cultura misógina' é uma expressão cunhada desde o Brasil colonial, através da religião católica, onde as mulheres eram criadas para abafar sua sexualidade e onde, no confessionário, eram instruídas para que não cometessem pecado. A igreja vigiava seus gestos, atos e até sonhos. Existia uma cultura de adestramento da sexualidade feminina, com o objetivo de pleno respeito ao pai e ao marido. A expressão 'lesbofobia' é um neologismo que demonstra aversão as mulheres lésbicas. Assim, o objetivo geral deste trabalho é investigar como a (in)visibilidade lésbica no cenário universitário pode expressar facetas diversas de sofrimento psíquico durante o percurso acadêmico, mobilizando diferentes afetos.

Na atualidade, o tratamento dado de uma maneira geral à homossexualidade teve como marco histórico a retirada do sufixo 'ismo' pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que contribuía para manter o sentido de doença às relações homoafetivas. Esta conquista ocorrida na década de 90 é considerada muito recente e

ainda não descontrói o estigma e a herança que foram sedimentadas por séculos no cotidiano de milhares de pessoas e a associação entre homossexualidade e noções como anomalia, desvio e degeneração.¹⁵

Para Ferreira^{9:8} “assumir-se lésbica não é uma tarefa fácil, uma vez que implica em várias questões como preconceitos, indiferença dos amigos, parentes e até rejeição da família”. As famílias educam as mulheres para serem donas de casa, esposas, mães. Em uma sociedade patriarcal, a construção da identidade da mulher que se assume lésbica é muito difícil, elas são massificadas por sentirem desejos e atração sexual por outras mulheres.⁹

Todos estes atravessamentos constituem a acadêmica e fazem parte do seu cotidiano, juntamente com as demandas que um curso superior exige. Muitas vezes estas alunas permanecem mais tempo no campus do que em casa, e sendo invisíveis, podem necessitar de um suporte emocional.

A seguir apresentarei sobre a invisibilidade e seus desdobramentos.

2. Invisibilidade

[...] Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo uma marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria [...]
(NASCIMENTO, MILTON. 1978)

Conforme SEDGWICK²³ ao falarmos sobre o amor entre mulheres, falamos também de um desejo aprisionado. Por mais que a mulher seja assumidamente lésbica, sempre vai precisar, em algum momento da vida, entrar em seu armário para passar por alguma situação em que pretenda se preservar ou ser apresentada a alguém com receio de críticas.

No ambiente acadêmico, local onde naturalmente abandona-se a adolescência e inicia-se a vida adulta; local onde estudantes expõem suas ideias, mostram os motivos pelos quais lutam, declaram suas vontades e preferências, são muitas as situações em que as estudantes deverão fazer uma análise do uso ou não de seu armário.

O armário a que me refiro é um “dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores”^{23:19}. E esta invisibilidade seletiva é ocasionada por vivermos em uma sociedade ocidental que historicamente remonta e reproduz mitos simbólicos. Este simbólico, para Ceccarelli⁶, é marcado por uma visão negativa da sexualidade, cuja as origens devem ser buscadas no relato bíblico do pecado original.

Segundo Carvalho, Calderaro e Souza⁵ historicamente, o lugar da mulher em nossa cultura já é muito conhecido, mas a da lésbica é ainda pior, de esquecimento, pois teve sua

experiência afetivo-sexual ainda mais obscurecida já que dispensa a presença masculina.

Este esquecimento ficou arraigado até os dias atuais fazendo com que a produção de conhecimento voltado para este público seja menor.

Para este estudo, quase não encontramos literatura sobre o tema neste viés, o que serve de exemplo para pensarmos a questão da invisibilidade. Ora, o que se vê é a reprodução de modos de existência que afirmam aquilo que Espinosa (DELEUZE⁷) chama de afetos tristes, ou seja, potências que não colocam a força de agir e, por essa razão, tendem a manter a realidade estabilizada, reproduzindo o atual.

Para Deleuze⁷ “as afecções à base de tristeza se encadeiam, portanto, umas nas outras e preenchem nosso poder de ser afetado. Elas o fazem, porém de tal maneira que nossa potência de agir diminui cada vez mais e tende para seu mais baixo grau”^{7:166}.

A escolha de se manter invisível parcial ou integralmente no ambiente acadêmico tem todo um histórico social e familiar a ser levado em consideração. As vivências passadas por estas mulheres que decidem se manter dentro do armário passam por um filtro de pesagem a cada nova oportunidade de atuação ou apresentação social, pois não é sabido qual será o efeito desta informação ao seu(s) interlocutor(es).

Conforme Sedgwick²³:

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição^{23:22}.

Ao optar pela invisibilidade a mulher não só opta por se manter resguardada de críticas e dos olhares maldosos que o preconceito ocasiona, mas opta também pelo silêncio quanto aos seus desejos. De acordo com Lauro e Trindade²⁰:

O desejo não é falta, não vem de fora, o desejo é uma força que se afirma de dentro, é a potência que constitui nossa própria essência. Não agimos por vontade, mas por desejo, ele é a causa eficiente em nós, a causa interna que nos faz permanecer em nós mesmos e mais, buscar sempre crescer e se tornar mais potentes.^{20:02}.

Uma vez que o desejo pode ser entendido como: " (...) a capacidade de experimentar, criar e enfim superar-se"^{20:02}, assumir uma atitude de anulação de si mesma significa, para essas mulheres lésbicas, afirmarem-se como invisíveis.

Desta forma, Lauro e Trindade²⁰ falam que a alegria é uma relação de potência com o mundo, é um dever que proporciona mais força, mais mobilidade, mais dinâmica, mais potência, mais maneiras de agir. As mulheres lésbicas, não podendo ser quem são verdadeiramente no ambiente acadêmico, necessitando guardarem-se no seu 'armário', não teriam condições de experimentar afetos alegres.

Paradoxalmente, não se pode afirmar que, uma experiência de 'sair do armário' poderia conduzir à experimentação desses mesmos afetos. Falarei da visibilidade no próximo capítulo e avançarei na problematização desta questão. Por ora, sigo discutindo a invisibilidade e seus efeitos sobre a subjetividade.

A mulher, que está invisível no ambiente acadêmico e não externa seus desejos, deixa de experimentar novas experiências por receio do que possa acontecer. Ela acaba sendo afetada por um ambiente de afetos tristes que são intimidadores. Isso é uma realidade expressa em pesquisas recentes feitas nos EUA e na Inglaterra, que mostram que o ambiente acadêmico é tóxico para estudantes LGBTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Trans. (FREITAS¹¹). Nesta pesquisa, mais de um terço dos entrevistados disse que considerou abandonar os estudos e cerca de 40% dos entrevistados relataram ter observado comportamento de exclusão baseado em gênero ou orientação sexual. Muitos entrevistados relataram falta de redes de suporte profissionais, mentores e modelos LGBT na academia. O isolamento é um tema comum.

Homofobia, exclusão, evasão são alguns dos problemas enfrentados por estudantes destes países durante o percurso de graduação de acordo com a matéria vinculada ao Nexo Jornal que afirma também que a situação é ainda pior para as mulheres, pois elas passaram por experiências de exclusão e de intimidação três vezes maiores se comparadas aos homens LGBTT¹¹.

É com o conhecimento de um panorama destes, veiculados nos meios de comunicação mostrando o quão difícil é para as estudantes assumidas de sua identidade sexual que fica compreensível que muitas preferam se manter neutras, invisíveis, guardando para si as dificuldades e aprendendo a conviver com a tristeza. Não há alternativas de aprendizado que provoquem a pensar do contrário, incentivando a expressão de diferentes sexualidades no contexto universitário. “O medo é a tristeza instável de que algo ruim pode acontecer, o desespero é a tristeza acompanhada da certeza de um mal exterior, o ódio é o medo projetado, a vergonha é a tristeza que imaginamos de estarmos sendo reprovados”¹⁸.

O dispositivo do armário é um dos poucos métodos que se aprende a utilizar para escapar diretamente de toda esta gama de afetos tristes, mesmo que indiretamente as alunas tenham que ouvir opiniões preconceituosas em certos momentos de vida acadêmica e conversar com sua subjetividade para compreender-se em relação à elas. Utiliza-se também de mentiras sobre si e seus pensamentos para seguir a vida.

Como podemos analisar neste capítulo, o dispositivo do armário é uma estratégia de produção de invisibilidade, forma de subjetivação que produz sofrimento psíquico. Trataremos agora da questão da visibilidade.

3. Visibilidade

Quem sabe eu ainda sou uma garotinha
Esperando o ônibus da escola sozinha
Cansada com minhas meias três-quartos
Rezando baixo pelos cantos
Por ser uma menina má
Quem sabe o príncipe virou um chato
Que vive dando no meu saco
Quem sabe a vida é não sonhar [...]
MALANDRAGEM (Cassia Eller;
Composta por Roberto Frejat e Cazuza).

A ideia de não 'ser uma menina má' é incutida desde a infância nas meninas. Segundo GÓIS^{13:119} “somos educadas por mulheres, numa sociedade onde a virilidade e o prestígio do macho estão longe de serem apagados.” A mesma autora afirma ainda que as mulheres são educadas para agirem como filhas e mães sem passar pelo estágio de mulher.

Assumir-se como lésbica em algumas famílias é desafiador e, portanto, sentir desejo por outras mulheres significa uma quebra de valores culturais de uma sociedade que foi guiada por uma heteronormalidade⁹.

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado, não pode ser sentido, dado a inexistência de norma que lhe garanta um campo de consistência. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio^{10:10}.

Muitas lésbicas que assumem verbalmente sua identidade sexual, acabam por adaptar-se às normas sociais e limitam-se a agir conforme o

ambiente da sociedade, optando por se preservar de estigmas que são as características declaradas na identidade social de um indivíduo, que em relações de sociedade, podem desvalorizá-lo, diminuí-lo, fazendo com que este indivíduo seja considerado de menor valia¹: como o uso de roupas masculinas ou roupas folgadas para esconder os contornos do corpo feminino, cabelos curtos em demasia, muitas vezes até a falta de cuidados com a aparência, mas principalmente evitando contatos íntimos com suas parceiras na rua.

O contexto universitário é o local que reúne diferentes tipos de pessoas e todas as manifestações da sociedade acabam por ecoar pelos corredores das faculdades na forma de discussões e trocas de ideias. Como qualquer tipo de sociedade, a faculdade também é um território delimitado por normas e regras, geralmente construídas pela estrutura administrativa das mesmas e, dentro das possibilidades também pela comunidade acadêmica. Trata-se de um espaço que, de um lado apresenta muitas possibilidades, sendo então, ideal para propagar suas manifestações de preferências e escolhas; por outro lado, é um espaço conservador, que afirma e reproduz valores tradicionais da sociedade.

Neste ambiente, geralmente os grupos são o local de acolhida à seus pares e existem uma diversidade deles onde meninas que gostam de meninas podem se unir e facilitar a convivência diária, mas que ainda assim, não quer dizer que seja fácil o cotidiano.

Segundo uma matéria postada em revista²⁴ na internet, a sociedade reproduzida dentro das academias ainda é aquela sociedade onde apesar da existência da diversidade, o preconceito e a segregação dos homossexuais ainda é bastante evidente. Ainda nesta matéria, o autor atribui que este fato está relacionado à falta de apoio dos grupos discriminados pela reitoria das instituições de ensino, pois os mesmos são iniciativas somente dos alunos com apoio dos DCE's.

Auto afirmar-se como lésbica, em qualquer tipo de espaço, seja ele público ou particular é uma afronta à sociedade heterossexista²³ e dentro do campus, apesar de ser normalmente um ambiente de pessoas esclarecidas, onde espera-se no mínimo, o respeito; encontra-se todo tipo de manifestações contra a identidade lésbica. Desde comentários maldosos ouvidos pelos corredores, como também mensagens anônimas diretas, “como aconteceu com a estudante de Terapia Ocupacional de uma faculdade paulista, dizendo que ela merecia uma barra de ferro na cara até morrer, na página que administra sobre combate a homofobia na internet¹⁴”.

Na Universidade Federal de Uberlândia - UFU, por sua vez, há relatos de um evento chamado 'Quarta Acolhida', realizado pelo grupo de meninas universitárias 'Acolhidas Ouvidoria' e que foi uma discussão sobre o preconceito sofrido por mulheres lésbicas e bissexuais no campus. Uma das palestrantes, Ludymila Duarte, médica recém-formada e lésbica,

discutiu o preconceito sofrido pelas homossexuais dentro da universidade enquanto cursava medicina e compartilhou situações em que os próprios professores eram preconceituosos e intolerantes, demonstrando sua indignação por nenhuma medida ter sido tomada pela universidade.

Outra palestrante, ginecologista e professora da UFU Camila Troffoli, também declarou já ter ouvido muitos relatos sobre preconceito contra lésbicas e bissexuais dentro da universidade. “ - Eu, como professora, acho que precisamos mudar radicalmente o espaço de conversa sobre isso dentro da aula”, acredita. Desta forma, para ela, as homossexuais e bissexuais poderiam ter um espaço para expressar seus direitos e ganhar força para lutar contra a homofobia instaurada dentro e fora da universidade².

Percebe-se fazendo uma retrospectiva nas duas falas destes discursos, a invisível e a visível, que o objeto deste estudo, lésbicas, têm mais aspectos negativos a lidar durante a vida acadêmica e, portanto na vida, do que aspectos positivos.

É importante neste momento analisarmos a questão de termos mais afetos negativos na questão lésbica sob o ponto de vista filosófico. Segundo Espinosa em Tratado Político, Cap.1, os filósofos observam os afetos como vícios aos quais os homens caem pela sua própria culpa e por este motivo, costuma-se menosprezá-los, maltratá-los (e para parecer os mais santos), detestá-los; de acordo com Trindade²²:

Os moralistas se imaginam divinos, se acha acima do resto daqueles que condenam e maldizem, mas no fundo não passam de ignorantes, afinal eles mesmos não sabem o que pode um afeto. Em todo juiz há uma vontade de poder, não de conhecer. Ou seja, muitos escreveram sobre os afetos, mas sem entendê-los, como se o homem fosse condenado à existência, a ter um corpo, a sentir, desejar.^{22:02}

Todas essas questões nos levam a pensar que não apenas a invisibilidade lésbica constitui-se como um problema no contexto universitário. A atitude de 'sair do armário' das mulheres lésbicas para expressar a sua sexualidade também engendra dificuldades que precisam ser reconhecidas e mais bem discutidas no cenário acadêmico. Ora, percebemos que não parece ser uma saída interessante compor grupos homogêneos/ identitários de mulheres lésbicas, mas tratar a questão-problema de forma transversal na universidade, enfrentando os preconceitos e educando as pessoas sobre o assunto.

4. Metodologia

4.1 A experiência como disparador dos caminhos para a elaboração do ser ou não ser lésbica

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. [...] A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.^{03:21}

É com esta citação que inicio a metodologia deste trabalho baseado em experiência. Experiência esta que é fruto de cinco anos de um processo de individuação na academia e de

uma vida toda na sociedade heteronormativa e homofóbica.

Ser lésbica em uma família onde se é a única filha sempre foi difícil. Aprendi desde cedo que ser diferente das coleguinhas de escola e das filhas das amigas de minha mãe seria complicado e que o exemplo de preconceito começa por pessoas muito próximas. Então, o mais sensato que poderia fazer na época e dentro de uma família conservadora era me adaptar a como eram as outras meninas e ser igual.

Claro que quando criança, não tive bem a noção de quanto eu era diferente e nem o porquê, mas eu sabia que era e com isso, passei a ser muito mais observadora e reservada do que falante. Quando descobria algo relacionado a essa tal diferença que percebia em outras pessoas, tratava de observar como outras pessoas as tratavam ou reagiam a isso e fazia o contrário, porque geralmente os comentários eram maldosos.

E assim foi por toda a minha vida até pouco tempo atrás. Passei uma adolescência bem atribulada por não saber lidar com as diferenças que eu começava a descobrir que eram maiores do que só usar calça ou saia, batom ou cabelo curto e roupas masculinas. Precisei aprender tudo sozinha buscando informações e conhecimentos através de internet, revistas e depois, já na vida de jovem adulta, sabedora do que me acontecia, obtive ajuda com os poucos amigos para quem eu saía do meu então recém conhecido armário.

Vou abreviar este relato e entrar no contexto que realmente é o objeto desta minha fala, para que não se torne algo tedioso e inoperante.

A faculdade é uma realização pessoal. Na minha experiência, aprendi que ser lésbica só é aceitável para a família se você tem estudo, um bom trabalho e é discreta. Com estas três qualidades, você pode ser o que quiser! Então, sempre me mantive em busca de mais qualificações, conhecimento e a faculdade só pude concretizar depois de muitos anos trabalhando na área da saúde e depois que tive apoio total de amigos que abraçaram este desejo comigo. A psicologia me mostrou na teoria que a força de vontade somente não é o suficiente e na prática, que o ambiente favorável é um facilitador das condições de realização de nossos objetivos. E eu o tive com amigos e o aproveitei.

Em todos os anos em que me mantive na escuridão de meu armário, quando algum amigo, que não sabia a meu respeito fazia uma piada pejorativa contra algum homossexual, aquilo não me atingia, porque em meu pensamento criei um mecanismo de defesa onde eu não era gay. Conviver me escondendo fez-me não sentir as maldades, por assim dizer, de piadas e comentários ofensivos. A academia me empoderou de uma capacidade de questionar os acontecimentos e não somente a criticar. Com a faculdade, não somente me informei e obtive conhecimentos, mas passei a fazer bom uso do que adquiria.

Assim, quando dentro da faculdade, presenciei um casal de lésbicas em um momento de troca de carinho e dois de meus colegas do curso de psicologia trocaram comentários maldosos quanto a validade moral de tal ato naquele local, este comentário me tocou de tal maneira que só pude pensar que meus colegas não eram sujeitos empáticos, nem tinham a capacidade, no momento, de compreender que o que eles falaram não era nada acolhedor vindo de estudantes de psicologia, que estavam em práticas de estágio supervisionado e onde aprendemos que não devemos julgar e sim acolher. Foi triste, mas com frieza vi motivação para a realização deste trabalho.

Tais experiências me fizeram questionar sobre minha própria história, como mulher lésbica e não acolhida. Me questionei se outras mulheres em mesmas condições enfrentavam os mesmos problemas e se elas, assim como eu, passavam por algum tipo de transtorno psicológico ou emocional causado por este difícil problema. Isso foi logo no início do curso e esta ideia foi amadurecendo com o passar dos semestres, assim como eu mesma.

Ao conhecer um pouco mais de cada um de meus colegas, fui me aproximando dos que mais me tocaram em sensibilidade neste nosso espaço comum. Formei com eles um grupo em que pude me apoiar e eles a mim. Este grupo me possibilitou individualizar realmente, muito mais do que eu pensava que já estava individualizada como mulher homossexual.

De tudo que apresentei neste trabalho, hoje percebo que antes de entrar na faculdade eu ainda era um pré-SER, de Simondon, em Deleuze¹⁵. Eu era um ser singular, mas não um indivíduo ainda.

A convivência com este grupo heterogêneo e de experiências singulares me possibilitou andar por uma estrada metaestável, me desestabilizar, sair daquela minha visão de dentro do armário e começar a perceber que há vida fora dele também. Uma vida que pode sim, ser atravessada por contextos ruins como o que eu presenciei ao lado de colegas, mas que pode ser muito boa quando se faz o que se quer, com respeito a si e com a potencialização de afetos alegres proporcionado por um grupo fortalecedor.

Como escreveu Bondía³:

O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo que se passa, sobre tudo aquilo que se tem informação”, mas não tem experiência^{3:19}.

Para realizar este trabalho, me apoiei, portanto na minha experiência, mas também na literatura e na pesquisa de textos na internet que pudessem servir de exemplo para compor uma articulação teórico-reflexiva sobre o tema de estudo. Deste modo, escrevemos esse ensaio, com vistas a trabalhar elementos da (in)visibilidade lésbica no contexto universitário. Infelizmente a produção material

e bibliográfico que trata sobre o assunto é exíguo, quase inexistente.

5. Conclusão

Concluo este trabalho percebendo que as reitorias universitárias parecem pouco se incomodar, no sentido de se estabilizar, com a questão das diversidades sexuais, suas potencialidades e vulnerabilidades no espaço acadêmico. Para as instituições universitárias, em sua maioria religiosas – característica das universidades privadas brasileiras (ou quando não religiosas, com forte apelo comercial), discutir sexualidades minoritárias não parece ser questão problema, fato que expressa a não abertura à discussão de gênero no contexto acadêmico, muito menos o problema da (in)visibilidade lésbica.

Por outro lado, universidades públicas, que se fundamentam na ideia do Estado laico, que por sua vez seriam espaços privilegiados para provocação da discussão sobre a (in)visibilidade lésbica e discussão dos seus efeitos sobre a subjetividade, também não se vê, especialmente em função do parco investimento em pesquisa e produção do conhecimento sobre o tema, um olhar adequado para esta questão. A dificuldade está em, de fato, perceber a laicidade ou não do Estado no âmbito das políticas públicas de educação superior, haja vista o conservadorismo histórico que atravessa as discussões sobre o gênero no contexto da educação.

Por se tratar de um modo de ver a realidade, deve-se fazer o deslocamento da ideia de que tem que tornar visível ou manter escondido a causa lésbica. Esta visão dualista não contribui para a discussão. Tampouco parece ser proffcuo incentivar a formação de grupos identitários, ou seja, de reunir sujeitos iguais formando uma prática e instituindo modos de ser homogêneos.

Trata-se antes de instituir o comum, que se constitui a partir da experiência. O comum que aqui menciono, não é um grupo que seja homogêneo, de mulheres em iguais condições de identificação sexual, mas sim, a constituição de uma experiência comum no cenário acadêmico, que perpassa todas as pessoas que circulam nesse espaço. Um comum que não é homogêneo, mas em experiência de singularidades heterogêneas, enquanto gênese dos afetos alegres⁷.

Parece que ser lésbica no contexto universitário se expressa como um aprendizado em “zigzague”, um jogo de união de forças que mobilizam afetos alegres, que colocam a potência de agir no corpo, mas também de afetos tristes. Utilizando a metáfora do zigzague, podemos desconstruir afirmações identitárias que insistem no discurso de 'sair do armário'; podemos desconstruir também a versão conservadora e silenciosa de eu é preciso 'manter-se no armário'. Já não importa mais sair ou manter-se no armário, ser visível ou invisível. O que importa é, conforme Guimarães, Ceccim e Leipnitz¹⁵ sobre a metáfora do zigzague: “usando-se dessa metáfora, pode-se dizer que se

joga na medida em que se ousa e se vive: espaço de experimentação, de reprodução de encontros e de criação. O ziguezague joga alinhavando o mundo, traçando um plano de consistência para a realidade confusa, móvel incerta [...]”^{15:324}

Trata-se de jogar com a vida falseando a mesma a todo instante, para que a afirmação da identidade não constitua grupos homogêneos que se tornam, muitas vezes, novos agentes de microfascismos. Usar do falseamento, da

mentira, ou seja, segundo PROUST¹⁸:

A mentira, a mentira perfeita, sobre as pessoas que conhecemos, sobre as relações que tivemos com elas, sobre nossos motivos para algumas ações, formuladas em termos totalmente diferentes, a mentira sobre o que somos, a quem amamos, o que sentimos em relação a pessoas que nos amam... – essa mentira é uma das poucas coisas no mundo que podem nos abrir janelas para o que é novo e desconhecido, que podem despertar em nós sentidos adormecidos para a contemplação de universos que de outra maneira nunca teríamos conhecido^{18:90}.

Referências

- ¹ ANJOS, Gabriele Dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, Porto alegre, v. 02, n. 04, p. 274-305, jul./dez. 2000.
- ² BARQUETE; Marina. O preconceito e a fetichização sofridos por mulheres lésbicas e bissexuais. Disponível em: <<http://minoriasdeaco.com/o-preconceito-e-a-fetichizacao-sofridos-por-mulheres-lesbicas-e-bissexuais/>>. Acesso em: 21 abr. 2018.
- ³ BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- ⁴ BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Editora Record, 2003.
- ⁵ CARVALHO, Cintia Souza; CALDERARO, Fernanda; SOUZA, Solange Jobin E. O dispositivo "Saúde de Mulheres Lésbicas": (in)visibilidade e Direitos.. *Psicologia Política*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 111-127, jan./abr. 2017
- ⁶ CECCARELLI, P.R. (2000) Sexualidade e preconceito. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo. III(3):18-37.
- ⁷ DELEUZE, Gilles. **ESPINOSA E O PROBLEMA DA EXPRESSÃO**. [S.l.]. [1968]. Disponível em: <<http://conexoescnicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinosa-e-o-Problema-da-Express%C3%A3o1.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2018.
- ⁸ DELEUZE, Gilles. Gilbert Simondon, o indivíduo e sua gênese físico-biológica [1966]. _____. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2010.
- ⁹ FERREIRA, Maria Da Conceição Alves. **Homossexualidade Feminina: Embates e desafios de assumir-se lésbica**.. Webartigos, [S.L], fev./mar. 2011. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/homossexualidade-feminina-embates-e-desafios-de-assumir-se-lesbica/59370/>>. Acesso em: 18 abr. 2018.
- ¹⁰ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A Vontade de Saber**. 16 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 154 p.
- ¹¹ FREITAS, ANA. **Por que o ambiente acadêmico é tóxico para estudantes, pesquisadores e cientistas LGBT**. [S.l.]. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/03/29/Por-que-o-ambiente-acad%C3%AAmico-%C3%A9-t%C3%B3xico-para-estudantes-pesquisadores-e-cientistas-LGBT>>. Acesso em: 15 maio. 2018.
- ¹² GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1988.
- ¹³ GÓIS, M.M.S. Aspectos históricos e sociais da anticoncepção. *Reproduo*, v. 6, n. 3, p. 119-24, 1991.
- ¹⁴ GIUSTI; Iran. **Gays e lésbicas revelam ofensas homofóbicas que ouvem no dia a dia** . Disponível em: <<http://igay.ig.com.br/2014-05-16/gays-e-lesbicas-revelam-ofensas-homofobicas-que-ouvem-no-dia-a-dia.html>>.

Acesso em: 21 abr. 2018.

¹⁵ GUIMARÃES, Cristian Fabiano; CECCIM, Ricardo Burg; LEIPNITZ, Ligia Tlajia. Ziguezaguear. In: CECCIM, Ricardo Burg et. al. (Org.). *EnSiQlopédia das Residências em Saúde. Série Vivências em Educação na Saúde*. Porto Alegre: Rede Unida, 2018. p. 324-329

¹⁶ OLIVEIRA, Claudia Freitas De. **A Homossexualidade Feminina na História do Brasil: Do Esforço de Construção de um Objeto Histórico ao Desdobramento na Construção da Cidadania**. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ceará, v. 7, n. 2, p. 2-19, jan. 2015. Disponível em: <<https://lesonlinesite.wordpress.com/vol-7-no-2-2015/>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

¹⁷ PERES, Wiliam Siqueira. **Transfobias, lesbofobias e homofobias invisíveis: o que a escola tem com isso?**. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS*, v. 17, n. 34, 2016.

¹⁸ PROUST, Marcel. **A prisioneira**. Rio de Janeiro: Globo, 1989. 384.

¹⁹ TRINDADE, Rafael. **AFETOS (BIO)POLÍTICOS – TRISTEZA**. [S.l.]. 2016. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2016/04/24/afetos-biopoliticos-tristeza/>>. Acesso em: 17 maio. 2018.

²⁰ TRINDADE, Rafael. **Afetos (bio)políticos – amor**. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2016/09/28/afetos-biopoliticos-amor/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

²¹ LAURO, Rafael; TRINDADE, Rafael. **Considerações sobre o desejo**. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2014/04/24/consideracoes-sobre-o-desejo>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

²² TRINDADE, Rafael. **Espinosa – ciência dos afetos**. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2016/04/26/espinosa-ciencia-dos-afetos/>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

²³ SANTOS, JP., and BERNARDES, NMG. Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e lésbicas. In ZANELLA, AV., et al., org. *Psicologia e práticas sociais* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Pp. 289-296. ISBN: 978-85-99662-87-8.

²⁴ SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Nova York, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2017.

²⁴ UNIVERSIA. **Professores e alunos homossexuais falam de preconceito nas universidades**. [S.l.]. 2006. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2006/03/31/445145/professores-e-alunos-homossexuais-falam-preconceito-nas-universidades.html>>. Acesso em: 21 maio. 2018.

Submissão: 18/09/2018

Aceite: 08/01/2019